Centro de História e Cultura Judaica

Curso 'Tribunal da História'

Bernardo Sorj

13.11.2003

Professor Titular de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
e Diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Os judeus do *Galút*(exílio)/*Tfuzot* (diáspora) e Israel

Faz uns oito anos atrás, saiu em Israel, após os acordos de Oslo e antes do assassinato de Rabin, um livro de intelectuais israelenses muito interessante. Eles discutem o que será da relação entre Israel e a *Goláh* depois de finalizado o processo de paz. Mas de repente, com a reviravolta do processo de paz, tudo o que eles pensaram ficou suspenso no ar, e voltamos para trás. O que eles discutem é apaixonante. Lá estão os escritores e intelectuais israelenses dizendo: "Temos que repensar nossa relação com a *Goláh* (sinônimo de *Galút*). Em primeiro lugar, vamos acabar com essa visão de nossa dependência da *Goláh*. Israel é um país avançado, relativa ou absolutamente rico por qualquer padrão internacional, e criou uma identidade própria, ligada também ao Oriente Médio e à realidade nacional, desenvolvendo uma cultura própria. Os judeus da *Goláh* vão perder muitos dos laços que a situação de guerra criou durante essas décadas todas. Ou seja como será o mundo judeu quando aqui houver paz, quando Israel for um país normal, estabelecido? Terá sua cultura, integrada ao mundo e aos vizinhos. Os judeus da *Goláh*, naturalmente, manterão relações com Israel, mas a tensão que produz hoje esse estado de guerra desaparecerá, e os laços ficarão mais fracos. O que será então da relação entre Israel e a *Goláh*?"

Por que essa pergunta? É muito difícil abstrair-se da situação que Israel vive no dia a dia, para pensarmos questões mais de fundo. Estou me referindo à idéia de que Israel está sempre em guerra, de que nós precisamos apoiar Israel, nos reprimir e não criticar: Os *góyim* (não judeus) poderiam aproveitar-se disso!... Temor típico, eu diria, quase que da essência de ser judeu, um povo que sempre foi minoritário e quase sempre perseguido, e isso nos ensinou a nos protegermos dos "outros". Mas qual é a realidade da diáspora judia hoje?

Até cinqüenta anos atrás só existia o *galút*, o exílio, mas com a criação do Estado de Israel o *galút*-exílio virou *galút*-diáspora, isto é, o destino virou uma opção. Enquanto no Estado de Israel vivia uma pequena parte do povo judeu, com a sensação de que a qualquer momento o país poderia ser destruído, os sentimentos galúticos se mantinham e eram projetados sobre a diáspora e sobre Israel. Mas agora, praticamente a metade do povo vive lá, um país ainda em guerra, mas um país forte, militarmente poderoso, economicamente sólido, tendo um nível de vida próximo ao dos países europeus, aliás, até mais alto que vários países europeus. Portanto, houve uma mudança da realidade histórica muito grande, e isso muda os parâmetros de pensar essa realidade. No entanto, como sabemos bem, o pensamento anda sempre atrás dos fatos. As coisas mudam. Seu filho se comporta de um modo diferente, e leva algum tempo para você entender que seu filho não é a imagem que você tinha dele, de como ele deveria ser a partir da experiência do que você (imagina que) foi.

E quais são as grandes mudanças que estão acontecendo, e que temos tanta dificuldade em apreender? Mudou Israel, mudou a diáspora, e mais que tudo, e antes de tudo, mudou o mundo onde se encontram a diáspora e Israel.

Israel surgiu porque um grupo de judeus se apropriou, em fins do século passado, do discurso que era o discurso da época, o discurso nacionalista. Como escreveu Moisés Hess em seu livro famoso, *Roma e Jerusalém*: 'Tanto quanto os italianos voltam a ter novamente uma pátria também os judeus têm que ter a sua'. Era uma época onde as identidades coletivas se aglutinavam em torno de ideais nacionais e nacionalistas, um período que um historiador chamou de 'Primavera da Nações'. O projeto sionista era essencialmente um projeto dos judeus europeus, ou seja, foi fundamentalmente um movimento social ashkenazí (judeus de origem européia).

Os judeus *ashkenazím* (plural de *ashkenazí*) disseram: 'Nós também queremos ter uma pátria', e para ter uma pátria, teria que haver também uma ideologia capaz de construí-la, que se chamaria Sionismo. A idéia de base, compartida pela maioria dos ideólogos, era clara: 'O povo judeu é um povo doente. E doente por quê? Porque vive no *galút*, e enquanto viver no *galút* será perseguido, maltratado, vitimizado. Temos que normalizar o povo judeu.'

Quem leu os autores sionistas sabe que há uma palavra que retorna sempre, nos textos fundadores, que é a palavra ‘normalização’. Dentro deste conceito, a diáspora é um fenômeno disforme, uma verdadeira ‘patologia’.[1]

O sionismo colocou para si o objetivo de normalizar o povo judeu, tirá-lo de sua situação patológica, no exílio, e criar um povo novo que seria fundado no trabalho da terra, um povo, literalmente, com raízes. Passou a existir, então, nos círculos sionistas e depois israelenses, um desprezo profundo pelo exílio e depois diáspora, que se desenvolveu durante toda a construção do Estado de Israel e, inclusive, começou antes da criação do Estado. Uma negação, uma luta contra tudo que lembrasse o exílio, e depois contra tudo que lembrasse a diáspora.

Existiram as famosas ‘brigadas hebraicas’ na época da Palestina, do Mandato britânico. Elas iam às bancas de jornais, aos quiosques, para queimar os jornais em ídiche (língua falada pelos judeus *ashkenazím*, com origem no alemão medieval). Não eram árabes, eram judeus que se organizavam em brigadas e queimavam esses jornais: ‘Isso é exílio, é *Galút* - esqueçamos essa língua que nos lembra humilhação.’

Da mesma forma, os judeus *sefaradím* (originários da Península Ibérica), quando chegaram em Israel, deveriam esquecer o ladino (um dialeto derivado do espanhol medieval). ‘Que língua é essa, o ladino? Primeiro não é ídiche, e segundo, é uma língua do exílio, portanto tem dois defeitos...’

Sem dúvida, esse esforço de negação da diáspora tem que ser visto, em termos sociológicos, por um duplo ângulo: por um lado, o da a nova elite sionista, cuja orientação era negar todo esse passado, esses dois mil anos, e, pelo outro lado, não podemos esquecer que para criar um Estado nacional em qualquer lugar do mundo é necessária a política da terra arrasada: destruir o passado multiforme e construir um mundo homogêneo novo. Por exemplo, o francês hoje falado na França foi imposto pelo Estado, pois antes a França só tinha dialetos. O italiano é um dialeto local que virou língua nacional, mas continuam até hoje a existir muitos dialetos, muita cultura local. A cultura homogênea tem que ser construída, seja pela violência física, seja pela violência cultural.

Eu estudei História Judaica em Haifa, entre 68 e 73. Naquela época, no departamento de História Judaica não se ensinava ídiche, mas havia cursos de aramaico, grego e latim. Os cursos

[1] Perguntaram certa vez, na década de 30, ao grande escritor H. N. Bialik, já então vivendo em Israel, como seria essa ‘normalização’. Respondeu ele: “No dia em que um ladrão judeu for preso por um guarda judeu por ter roubado a bolsa de uma prostituta judia, nesse dia seremos um povo normal”. Nota do Editor.

de ídiche surgiram muito depois. Mesmo na universidade, portanto, o ídiche era uma língua, digamos, ‘maldita’.

Então, o Estado de Israel foi construído dentro de uma ideologia. E qual era essa ideologia? Era aquela segundo a qual o exílio (depois diáspora) era algo ruim, algo negativo. A reconstrução da cultura israelense foi feita pela negação de dois mil anos de história, pela revalorização dos Macabeus da época bíblica, de tudo aquilo que era originário da Terra de Israel, e pela apresentação da história da dispersão como sendo somente sangue, suor e lágrimas.

O exílio era algo negativo, algo mal visto. Durante o percurso que levou à criação do Estado de Israel, a população judaica dispersa sofreu transformações e, sem dúvida, a maior transformação foi o Holocausto. Até o Holocausto, boa parte dos judeus mantinham uma visão sobre Israel puramente religiosa, a idéia de que, sem dúvida, ‘Quando o Messias chegar, nós iremos para lá’.

A maioria queria fazer parte dos Estados nacionais: judeus franceses, judeus ingleses ou judeus alemães, ou então queriam fazer parte da Internacional Comunista, ou Socialista, que iriam mudar o mundo, e não se precisaria mais de estados nacionais, nem haveria mais judeus e não-judeus. O Holocausto quebrou a coluna vertebral do Judaísmo moderno e retomou, recuperou, reforçou tudo o que Israel e o Sionismo por caminhos diferentes argumentaram, ou seja, a idéia de que o *galút* é realmente terrível e produz pessoas disformes, de forma que o Sionismo, que era ate então um movimento minoritário na maioria das comunidades judaicas, inclusive e em particular a americana, passou a ocupar um lugar central.

Aparentemente, o principal fenômeno judaico do século XX é o Judaísmo Americano. Essa comunidade judaica americana é muito particular, pois vê os Estados Unidos como a *Gôldene medine*, o ‘País de Ouro’, uma espécie de ‘mundo messiânico’ realizando-se não em Israel, mas na diáspora. Os Estados Unidos foi não só a terra da liberdade, como também da ascensão social tal como nunca o povo judeu havia vivido. Os judeus nos Estados Unidos passaram a ocupar rapidamente posições em todos os níveis da cultura, da economia, da ciência, de forma que o discurso, e mais ainda, a prática sionista foi totalmente marginal. A maioria dos judeus americanos nunca pensou em momento algum em ir para Israel. Se no Uruguai e na Argentina perguntássemos aos judeus, nos anos 50, a maioria se definiria como sionista, ainda que não pensassem seriamente em *aliyáh* (emigração para Israel. Literalmente, ‘subida’, ‘ascensão’) imediata. Mas a maioria se definia como sionista. Eles diziam: ‘Eu não estou indo

para Israel, mas gostaria que meus filhos e meus netos fossem.' É preciso ir para Israel, não agora, não amanhã, quem sabe daqui a algum tempo.

Nos Estados Unidos sempre foi diferente, e o judaísmo americano sempre considerou que estava ali para ficar, não mais como uma passagem. O judaísmo americano nunca assumiu realmente o discurso sionista e, nos anos 50, houve o famoso confronto entre Ben Gurion e os judeus americanos. Ben Gurion dizia: 'O futuro dos judeus é em Israel. Não haverá Judaísmo fora de Israel', e dizia claramente: 'Agora vocês não têm alternativas, vocês queriam um Estado judeu, nós estamos oferecendo um, e daqui para frente não deverá existir mais um único judeu fora de Israel, pois não faz sentido'. Os judeus americanos respondiam: 'Êi, mais devagar' e graças ao poder econômico e político americano e ao realismo do *establishment* israelense, acabaram negociando um '*modus vivendi*' onde, ao mesmo tempo em que cada um permanecia na sua posição, foram se aproximando. O judaísmo americano nunca foi sionista, no sentido de plaqnejar algum dia emigrar para Israel, mas de uma comunidade politicamente apática frente ao projeto sionista, passou a ser uma comunidade pró Israel, pois saiu da II Guerra Mundial com um trauma enorme, um grande sentimento de culpa por não ter feito o suficiente pelos judeus da Europa. Em conseqüência, passaram a apoiar pesadamente o Estado de Israel.

Nos últimos 50 anos o governo de Israel foi, aos poucos, e ainda está, transformando seu discurso em relação à diáspora. Teve que se adaptar ao fato de que a principal comunidade judaica no mundo não quer ir para Israel, mas é uma aliada fundamental. Por sua vez o Judaísmo dos colonos sionistas *ashkenazím* começou a se transformar a partir das imigrações, que foram mudando a natureza do próprio Estado. Os pioneiros sionistas socialistas mantiveram a hegemonia até os anos 70. Mas com imigrantes vindo de todas as partes do mundo, sem uma formação cultural sionista, em particular os judeus *sefaradím*, que vêm para Israel nos anos 50, perseguidos pelo mundo árabe como conseqüência da guerra com Israel, o Estado de Israel passou a ser uma 'salada', formada pelos mais variados fragmentos culturais, na maior parte de grupos de emigrantes vindos de paises com menor nível de desenvolvimento econômico.

No início do novo milênio, o Estado de Israel se apresenta com uma composição bastante curiosa: Uma parte, quase a metade, é representada pelo judaísmo sefaradí, que nunca passou pela experiência sionista propriamente dita, e que se descobriu, a partir dos anos setenta, como uma minoria, oprimida pelos judeus *ashkenazím*. Inclusive criaram um partido, o Sh'as, que tem como ideologia explícita a idéia de que o Sionismo é um projeto dos judeus de Ashkenáz (antigo

nome hebraico da Alemanha), que oprimiram os *Sefaradím*, que não queriam vir para Israel, mas que tiveram de vir por causa da guerra com o mundo árabe. 'Nós não somos sionistas, dizem eles, nem não-sionistas, somos *sefaradím*, e acreditamos na religião judaica e não em ideologias seculares.'

Uma das características básicas do Sionismo é que ele foi basicamente um projeto laico, secular. Simplificando, pode-se dizer que o Sionismo é produto de perda de liderança dos rabinos no seio das comunidades judaicas. Em fins do século 19 começam a surgir lideranças seculares nas comunidades judaicas. Umas se filiam ao Bund (primeira agremiação socialista, surgida entre os judeus da Rússia em fins do séc. XIX)[2], com a sua cultura ídiche, e outras ao Sionismo. Os rabinos não têm mais o que dizer sobre o destino do povo judeu. Já os líderes não religiosos têm muito a dizer: 'Para os rabinos o destino do povo judeu consiste em esperar o Messias. Algum de vocês está disposto a continuar esperando? Temos que fazer algo aqui e agora, em vez de cumprir as *mitzvót*[3] e continuar a esperar pelo Messias.'

O Sionismo surge, então, como um fenômeno de lideranças seculares nas comunidades judaicas, que se opõem à liderança dos rabinos, e que apresentam um projeto diferente para o Judaísmo.

Mas hoje temos, em Israel, o surgimento de um novo Judaísmo a partir da comunidade sefaradí, daqueles que se identificam novamente com a liderança rabínica, e dizem da liderança secular: 'Esses *góyim*, Ben Gurion, Golda Meir, Sharon, Yossi Beilin, Netanyáhu, Shimon Peres, todos eles são exatamente a mesma coisa, não cumprem nenhuma *mitzváh*, não há diferença real entre eles, são variações de uma mesma posição. Nós temos nossos rabinos, nós temos Ovádia Yosséf, e ele vai nos dizer o que fazer. Então quem precisa dessas lideranças e dessa democracia secular?'

Também dentro judaísmo ortodoxo ashkenazí surgiu uma posição fundamentalista, que integrou, dentro de uma visão religiosa, a criação do Estado de Israel e a ocupação dos territórios conquistados após a guerra de 67 com um movimento de aceleração da chegada do Messias. Hoje temos grupos religiosos, nacionalistas e extremistas que se re-apropriam do sonho sionista com um discurso religioso. Para eles Israel é um passo à frente para anunciar a vinda do Messias, quando sabemos que a tradição religiosa era a de que não haverá um Estado judaico antes da sua

---

[2] Bund:

[3] Os mandamentos e rituais judaicos. N.E.

chegada, e seria uma transgressão pensar que nós, humanos, podemos decidir quando o *Mashíach* vai chegar. Assim, um grupo que majoritariamente dava as costas ao Sionismo transformou-se num movimento militante que luta pela apropriação e pela ressignificação do Sionismo.

Temos hoje em Israel, portanto, uma porcentagem que oscila em torno dos 20%, identificados com uma visão do Judaísmo que é produto, ao mesmo tempo, do Estado de Israel e de um retorno à religião. Os que criaram Israel não pensavam que esta seria, no futuro, a cara de Israel moderno.

Por outro lado existem os judeus russos, que criaram em Israel o maior centro de cultura russa fora da Rússia. Hoje não há um único grande cantor russo, um único grande grupo de teatro russo que não queira ir se apresentar em Israel. Porque lá as pessoas têm dinheiro, pagam bem. O judeu russo quer cultura russa. Sim, ele está em Israel, mas diz: 'Por favor, fale-me em russo, quero televisão russa, cinema russo, jornais em russo'. Em geral são muito orgulhosos da educação escolar russa. E eles argumentam, abertamente: 'Meu amigo, vamos deixar claro! Você não pode comparar essa cultura hebraica de Israel com a grande cultura russa. Onde estão os Pushkins de vocês? Queremos ficar em Israel, mas não iremos abandonar a nossa cultura pela desses *góyiche cops* ('cabeças de *góy*')[4] israelenses, que não querem estudar. Criança russa tem que estudar, escola na Rússia é para ensinar matemática, não como esses israelenses que não querem saber de matemática, não querem saber de nada, só querem brincar, consumir! Então, por favor, Israel sim, mas com cultura russa!'

Assim, está acontecendo o oposto do que aconteceu uns 70 anos atrás, daquelas brigadas que queimavam jornais em ídiche. Hoje, mais de um milhão de judeus russos não só têm jornais, mas televisão, rádio, tudo em russo. Nenhum político seria louco de criticar essa situação e perder um milhão de votos em uma sociedade democrática.

E isto sem entrarmos no detalhe de que um terço ou um quarto desses judeus russos não é definível como judeus dentro da visão ortodoxa, da *Halacháh*[5] definido pelos rabinos que dominam em Israel a distribuição do bilhete de entrada ao judaísmo.. Esse problema não existia no início do Sionismo. Ninguém discutia se quem casasse com um não judeu seria ou não judeu, simplesmente porque só um maluco queria ser judeu, e ainda mais ir para Israel naquela época.

[4] Na razão direta em que eram discriminados, os judeus reagiam atribuindo aos não-judeus todos os defeitos possíveis.. Esta é uma expressão usada pelos judeus *ashkenazím* para ridicularizar um outro judeu. N. E.

[5] A legislação religiosa judaica. N.E.

Acontece que hoje, ir para Israel passou a ser um bom negócio para os pessoas que moram em paises mais pobres. Existe uma regra básica de migração no mundo moderno: pessoas de países pobres vão para países médios ou ricos e pessoas de países médios vão para países ricos. Se analisarmos a migração pra Israel a maioria, desde a criação do Estado, veio de paises mais pobres, e a grande maior dos judeus que foram embora de Israel, foram para países mais ricos. É um movimento simples, de ascensão social geográfica. Israel é parte de um movimento migratório, que vai além da identidade judaica.

Ou seja: temos um judaísmo sefaradí que não é sionista, não se identifica com o sionismo, diz que o sionismo foi para eles algo que os oprimiu e que tentou destruir a sua identidade. No discurso deles o problema não são os anti-semitas, não são os árabes, mas os *ashkenazím* seculares. Eles pensam que, graças aos seus rabinos, voltaram às suas raízes. Na verdade, eles reinventaram um judaísmo *sefaradí* que nunca existiu. Do outro lado, os judeus vindos da Rússia se consideram russos, e querem continuar a sê-lo.

Mas existem também fenômenos mais *light*. Por exemplo os judeus vindos de America latina afirmam sua identidade latino-americana. Como um pequeno exemplo, que não é necessariamente representativo, tomo a minha família e amigos que estão em Israel. Muitos casaram-se com judeus uruguaios, argentinos ou brasileiros e se reúnem no fim de semana para fazer churrasco ou feijoada. O que está acontecendo? Estamos descobrindo que o povo judeu é, por alguma razão, sobre a qual voltaremos a falar, um povo profundamente diaspórico. É diaspórico na Diáspora e é diaspórico em Israel. Ele se organiza dessa forma. Leva consigo tanto um senso de unidade como de raízes múltiplas. É diaspórico também após Israel, pois os israelenses que vão embora organizam-se de forma diaspórica fora de lá. Ou seja, se, por um processo complexo, o sonho sionista se realizou, pois existe um Estado de Israel, sem duvida um fato central na vida judaica, novamente, esse Estado não é o que sonharam aqueles que construíram o projeto sionista.

Em Israel hoje, no interior do judaísmo ashknazí, os únicos que desenvolvem um discurso innovador sobre Israel e o Judaísmo são os judeus ortodoxos, cujo número está crescendo, e o lugar que eles ocupam na sociedade israelense é muito maior que o seu peso em números. Os judeus ortodoxos, que eram contra o Sionismo, agora se reapropriaram do mesmo a partir do discurso religioso, dando aos rabinos ortodoxos um papel de liderança na comunidade de Israel.

Israel, que pensava em normalizar o povo judeu, está se mostrando um país bastante 'anormal'. É tão 'anormal' como o povo que o constitui, que é o povo judeu. O Estado de Israel não é um outro mundo, ele continua refletindo o povo que o constituiu. Mas não é o Estado sonhado pelo Sionismo. É um estado multi-étnico particular, um estado de um povo diaspórico, um Estado constituído por diferentes diásporas, e que vive gerando uma porcentagem grande de israelenses que vão embora. Isto, sem mencionar a importante minoria árabe, ou o enorme contingente de trabalhadores temporários, seja das Filipinas ou da Romênia (muitos dos quais gostariam de ser israelenses, dispostos até a se converter ao Judaísmo, se for o caso, só para ficar em Israel), que não são objeto desta palestra.

Por sua vez, o judaísmo diaspórico também mudou. Mudou porque o processo de integração das sociedades nacionais e da globalização tirou muito da especificidade do judaísmo local e nacional, em particular das comunidades pequenas. Infelizmente, o povo judeu nunca esteve tão concentrado demograficamente ao longo da história, como no momento atual. Entre Estados Unidos e Israel somam-se praticamente 80% a 85% do povo judeu. Na verdade, isto significa que apenas dois países do mundo contêm a grande maioria do povo judeu. Nenhuma outra comunidade judaica tem força, massa crítica, para constituir-se em ator importante no mundo judaico atual. ***Ou seja, enquanto o mundo se diasporiza, o povo judeu se des-diasporiza.***

O judaísmo europeu, o judaísmo inglês e francês não têm maior poder de criatividade; do judaísmo latino-americano ou russo então nem se fala; na verdade, estão totalmente colonizados pelo judaísmo norte-americano ou israelense. Ou seja, o grande drama da diáspora hoje é que ela está em vias de desaparição. Em parte, pela criação do Estado de Israel, mas também porque a própria diáspora hoje está perdendo demograficamente seu caráter diaspórico. Atualmente a diáspora judaica é muito fraca, é muito frágil, porque está concentrada em um país, basicamente nos Estados Unidos, que, por sua vez, não se pensa como uma comunidade em diáspora.

Os últimos dados do censo sobre os judeus americano são muito interessantes: em números aproximados, 38% pertencem ao movimento reformista, 22% ao movimento conservativo, e 8% são ortodoxos, enquanto o resto não pertence a nenhuma corrente, são seculares, leigos.[6] E se considerarmos esses 8% de ortodoxos, a verdade é que metade vai à sinagoga ortodoxa porque é próxima de suas casas, ou por outro motivo do gênero. Na verdade,

[6] Ver, sobre isto, a palestra "Movimentos Religiosos Judaicos", do rabino Sérgio Margulies. N.E.

4% são efetivamente ortodoxos. Portanto, é um mito dizer que a ortodoxia está tomando conta do Judaísmo na diáspora.

Se o judaísmo americano não vive como diáspora, o judaísmo israelense é diaspórico mas não se aceita como diáspora, porque está no Estado de Israel. Portanto, falar de diáspora e judaísmo hoje é quase um contra-senso, porque na verdade não há diáspora no sentido histórico, ao qual nós estamos acostumados: comunidades que mantinham esse sentimento de ser e de não ser, de pertencer e não pertencer, de estar e não estar. Esse sentimento de desarraigamento, de não ser considerado pelos locais como um igual, portanto de ser um exilado, na verdade um estigmatizado, alguém que sabe que o olhar do outro a qualquer momento o expulsa existencialmente da comunidade nacional. Em última instância, o exílio ou a diáspora são um sentimento, não uma definição sociológica, nem filosófica, são sentimentos que se tem ou não se tem.

A diáspora judia sempre viveu tensões, não só no exterior, como no seu interior. Eu fui educado na tradição de que ser judeu era falar ídiche, e quando me contaram, quando criança, que havia *sefaradím* que não falavam ídiche, não consegui entender muito bem que fenômeno era esse: 'Mamãe, *sefaradím* são *yíden* ('judeus', em ídiche) ou não são *yíden*? Se forem *yíden*, por que não falam ídiche?' Para a mamãe a resposta era óbvia, eram judeus "especiais", e obviamente, se um dia seu filho fosse se casar com uma sefaradí, bom, o importante é que não seria *goy*... Digamos, era uma coisa '*in between*'...

Ou seja, éramos um povo diaspórico, porque nossas identidades eram fortes, não só em relação ao Judaísmo mas também quanto à sua versão local, eramos *besaravers, poilish, hungarisher, lituich, doitch, galtizianers*, etc.. Outro exemplo de minha infância: o conflito com os *yekes* (judeus que falam alemão). 'Papai, quem são os *yekes* (judeus da Alemanha)?' '*Yekes* são um problema, meu filho, eles são judeus, mas falam alemão,' (coisa que, depois do Holocausto, ficou mais inaceitável), 'eles são judeus que se consideram alemães, e têm sinagogas que nada têm a ver com *yidishkeit* (o 'modo de vida judaico'), o que também era uma coisa inaceitável. 'São muito assimilados.' 'E a turma do Bund?' 'Esses, meu filho, são os heréticos, são os *apicôires'* (palavra cunhada na época helenística, referida àqueles que eram influenciados por Epicuro – significando 'herege'). Mas esses tinham a seu favor o fato de que falavam ídiche e mantinham uma bela biblioteca de literatura em Yddish, na qual meu pai pegava muitos livros emprestados...

Havia em tudo isso elementos negativos, até de ódio, de raiva, mas havia também uma força enorme de vida, identidades fortes, 'nós, eles, aqueles'. Ser diaspórico é um sentimento forte de identidade. Se vocês falarem para o meu filho *'yekes,'* '*sefaradím*,' '*ashkenazím*,' '*lítvish*' (judeus da Lituânia) '*Ungarishe'* (e da Hungria), nada disso vai fazer sentido, nem dizerem que os '*bessaraber zeinem guter yidn'* ('os da Bessarária são bons judeus...')

Os judeus brigavam entre si. Contaram-me que nos anos 30 ou 40 era típico que quando havia reunião do Bund, o *Beitar* (o movimento juvenil da direita sionista) ou *Hashomér Hatzaír* (da esquerda sionista) entravam e jogavam cadeiras uns sobre as cabeças dos outros, e vice-versa: era parte da vida judaica quebrar a cabeça (mas não matar!) alguém da comunidade. Na minha infância, nos anos 50, participei de brigas com crianças do *Beitar*, que considerávamos fascistas. Em suma, era um mundo muito intenso.

Galút é isso, é um sentimento de ser diferente do outro. Duvido que algum dos nossos filhos possa entender do que estou falando. Não se trata de um valor em si, e menos ainda uma experiência ruim. Essa é que é a questão: tínhamos um mundo de identidades muito fortes, por isso era um mundo *galútico*, era um sentimento de estar ligado a um grupo específico, a identificações diversas, a separações. Os judeus de hoje, nossos filhos, não vivem nada disso. Por que? Porque o mundo foi mudando, tornando-se globalizado, e os parâmetros mudaram.

Os Estados nacionais deixaram de ser o foco da identidade. Um dos maiores prazeres que tive na vida foi ter estado na Argentina, há um ano e meio atrás, e ver muitas pessoas, que 20 ou 30 anos antes eram anti-semitas ativos, que cobravam dos judeus o tema da dupla lealdade: '*Vos sos judio o argentino? Definite, che*!' e essas pessoas, e seus filhos, estavam agora fazendo filas de milhares e milhares para tirar o passaporte italiano ou espanhol. Dava vontade de ir até a fila e perguntar: '*Decime una cosa: Sos argentino o italiano? Definite, Che*!'

Obviamente, as pobres pessoas que estavam lá não entenderiam o que eu estava querendo dizer. Os argentinos eram um povo fanático, fechado, narcisista, e tiveram que aceitar as novas regras do jogo, ou seja, em algum momento o mundo se globaliza, e corre-se para tirar um passaporte de outra nacionalidade. Ter duas nacionalidades deixou de ser uma traição para ser um *asset*, um patrimônio, não mais um defeito. Quem fala outra língua tem um *asset*. Quem tem contatos 'lá fora', como a maioria dos judeus têm, tem maiores chances de sucesso.

Estou querendo dizer que o mundo, no seu conjunto, se diasporizou. Ou seja, a globalização do mundo é a diasporização do mundo, é o reconhecimento de que não são mais as

fronteiras do Estado nacional, dos laços de lealdade local, que estabelecem valores e limites. Pelo contrário, entramos em um mundo de redes trans-nacionais. Os judeus sempre tiveram essas redes.

Network é a palavra da moda. Manuel Castells, um famoso sociólogo, escreveu um livro tentando mostrar como o mundo de hoje é um mundo de redes, *The Network Societies*. Aquilo que nós pensávamos que era específico da vida judia, que definia inclusive nossa estratégia de sobrevivência, como meu pai que saiu da Bessarábia e foi para o Uruguai, porque uma família amiga, do *shtetl*, os Sankovski, foi antes para o Uruguai.

Em 2000 anos de história, de prática real, aquilo que os judeus tiveram como estratégia de sobrevivência na diáspora foi sempre a rede, a capacidade de mobilizar quem está distante, de utilizar uma língua franca que permite se comunicar em qualquer contexto local. Hoje, a construção de redes e a capacidade de conviver com diversas culturas é ensinado em cursos especializados. Todo executivo tem que fazer curso de 'diálogo trans-cultural'. O judeu já nasce sabendo que em casa é um código cultural e lá fora é outro, são regras de jogo diferentes, eles são *góyim* e nós somos *yíden*, e temos que entender, codificar, recodificar. Por exemplo: com um *goy* você fala de uma forma, e com *yid* é diferente. Quando meu pai ia à sinagoga, não tinha nenhuma dificuldade em dizer grosserias, essas coisas eram permitidas, lá era o 'Clube do Bolinha', onde se falavam as coisas mais duras. Mas com os *góyim* não, era tudo gentilezas e distância...

O judeu 'mamava' diálogo trans-cultural. Embora seja não só dos judeus, outra minorias apresentam características similares, mas no mundo ocidental nós éramos mestres nisso, éramos globalizados antes do tempo, e essa globalização nos deu vantagens, comparativamente, e alimento às mentes anti-semitas doentes sobre as conspirações mundiais do Judaísmo...

Enquanto os povos se fechavam em marcos nacionais, nós circulávamos transnacionalmente, entendíamos o outro e o que ele queria fazer, enquanto os demais povos tinham um único tipo de comunicação. Mas hoje, aquilo que era uma característica do povo judeu, de repente deixa de ser uma característica somente dos judeus, e passa a ser um produto vendido nos MBA's pelo mundo afora...

O mundo está cada vez mais diaspórico, e eu acredito que por um lado isto é muito bom, pois ninguém mais pode nos cobrar que nós somos os diaspóricos. Ou seja, aquilo que me era cobrado na infância, lá no Uruguai, hoje não é mais. 'Eles' também fazem filas nos consulados, fazem cursos de línguas estrangeiras, de diálogos trans-culturais, estudam até Cabaláh.

O que identificávamos como sendo a essência do Judaísmo passou a ser a consciência do mundo moderno, ou seja, o Judaísmo se integra com uma tendência social mais ampla, a qual, de certa forma, o mimetiza e, por seu lado, o integra.

As especificidades judaicas deixam de ser específicas. Nesse mundo globalizado, curiosamente, o que passa a ser valorizado? As diásporas. Fiz uma pesquisa com dois alunos, dois assistentes meus, e encontramos 185 diásporas diferentes na Internet, algumas diásporas muito relevantes, como a grega, que é muito forte, ou a irlandesa, italiana, turca, a palestina e a kurda. A diáspora chinesa sempre foi muito importante, e hoje existe uma enorme variedade de diásporas africanas.

Um dos grandes ideólogos do movimento negro norte-americano de inícios do século passado, Du Bois, falava da necessidade de aprender com os judeus, com o movimento de retorno a Israel, ou seja, hoje a diáspora não é só vista como uma maldição, mas como virtude.

Todo o mundo quer e está construindo sua diáspora, até já se fala da diáspora brasileira no exterior, e há também a da Argentina, a do Uruguai - eu por exemplo faço parte de uma dupla diáspora, a judaica e a uruguaia. Afinal, se um terço dos uruguaios está fora do Uruguai, então não se trata de uma diáspora? Podemos discutir o que é a verdadeira diáspora, mas não vou entrar em questões semânticas. A diáspora é definida por aqueles que se sentem na diáspora, é uma questão de sentimentos. O fato é que temos cada vez mais diásporas no mundo.

A diáspora era nosso karma mas também nosso cacife, nossa identidade, os outros povos são normais, nós somos diaspóricos, estamos no *Galút,* e sofriamos por termos sido expulsos de Israel. Na verdade isto era um mito. A maior parte dos judeus esteve desde a época greco-romana fora do país, na época romana, não foi embora de Israel porque foram expulsos, mas porque saíram em busca de nova oportunidades, ou se converteram ao Judaísmo. É natural que, em um país tão pequeno, as pessoas tendam a procurar sua *parnússe* (sustento, trabalho, emprego, etc.) em outros lugares. Se vocês lerem Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus*, verão o discurso do rei Agripa para os rebeldes. Ele perguntava: ‘De onde vocês tirarão forças?’ E os rebeldes respondiam: ‘Nós procuraremos apoio e dinheiro na diáspora judaica em Parta. Havia o problema da luta entre os partos e os romanos, e os rebeldes pensavam que seria possível tirar vantagem da distribuição geopolítica dos judeus no mundo.

Os judeus estavam na diáspora desde sempre, desde *Avraham Avinu* (o patriarca Abrahão). Boa parte dos grandes talmudistas também eram diaspóricos. Eu diria que a condição

de existência do povo judeu foi sempre a de ser diaspórico. Como foi reconstruído o Segundo Templo? Está escrito na Bíblia como isso aconteceu: foi a diáspora da Babilônia que trouxe recursos, apoio político e dinheiro. Se Deus ajudou foi a decisão política do Imperador Ciro o elemento decisivo junto com o apoio humano e material dos judeus da Babilônia que permitiram a reconstrução do Segundo Templo.

Felizmente, o povo sempre esteve disperso. Ao serem expulsos da Europa, havia judeus no mundo árabe, e assim por diante. Quando veio o massacre do judaísmo europeu, havia os judeus dos Estados Unidos. A dispersão é a estratégia mais inteligente para um povo pequeno. Mesmo o Estado de Israel hoje, em parte existe pelo apoio do judaísmo americano. Esta é uma contradição fundamental da sua existência, uma contradição lógica, pois indica algo de errado, mostra a complexidade da existência judaica. Porque, sem dúvida, o Estado de Israel foi a condição de sobrevivência, da nossa unidade psicológica, emocional e existencial (eu não tenho claro o que hoje ele é realmente, portanto falo de minha geração e da geração antes da minha) depois do Holocausto. Foi Israel que recuperou a nossa dignidade, o nosso sentido de existência, um sentimento de que somos capazes de nos proteger, de que não nos acontecerá novamente o que nos aconteceu. Acredito que é muito difícil para as novas gerações entenderem aqueles que viveram nos anos 50, 60.

Estudei para ser rabino até os onze anos. Um dia perguntei ao meu pai: ‘Papai, você acha que existe um outro mundo? Você acha que sua família está em outro mundo?’ Ele começou a chorar e respondeu-me: ‘Não, não acho’. ‘Papai, você acha que Deus existe?’ E ele: ‘Filho, é uma pergunta que eu prefiro não responder, e nem me perguntar, por respeito a meu pai’. Continuei insistindo: ‘Papai, você acha que o *Mashíah (*Messias*)* existe?’ Ele disse: ‘Bóruch (que é meu nome em hebraico com pronuncia ídiche), eu acho que o *Mashíah* existe de uma forma diferente, e se chama Estado de Israel, e seu dirigente é Ben Gurion. O outro *Mashíah*, esse eu não acho relevante...’

Para o meu pai, o Messias foi o Estado de Israel, e não sei se vocês entendem o que isso significa, ou seja, o que significou para aquela geração, a geração criada no *shtetl*, que acreditava no Messias, na vinda do Messias religioso. Ele quis dizer que o Messias chegou em forma secular, diferente. Eu me criei nesse sentimento de orgulho e dignidade que o Estado de Israel nos trouxe, e transmitiu tanto para mim como para toda a minha geração. E isso é impossível de transmitir para as gerações mais novas. Pois o mundo caminha, e não adianta viver do passado.

Hoje o Estado de Israel é um fato social, com todos os problemas e conflitos de um sonho que vira realidade.

Outro dia pensei: 'Puxa, Bernardo, não sei como você escreveu sua tese de doutorado na época em que não existia computador.' Havia pessoas que batiam à máquina, e cada vez que se errava, era preciso bater a página toda outra vez. Ninguém imaginava que isso existiria, essa coisa para escrever, mas hoje existe. Houve uma época em que as pessoas datilografavam e tinham que reescrever, rebater e rebater, 50 vezes se fosse preciso. Até parece que essa época existiu há muito tempo atrás. Se eu começar a cantar os louvores do computador para o meu filho, ele responderá: 'Tudo bem, papai, mas por que você está insistindo tanto? É óbvio que eu gosto e acho ótimo, mas não é o tema central de minha vida'. E não poderia ser diferente, simplesmente porque ele já nasceu com o computador. Para mim é uma maravilha o computador, para ele é normal. Para a nossa geração foi uma maravilha o Estado de Israel, para a nova geração é um fato normal, que existe e pronto. Não só para os judeus da diáspora, mas para as novas gerações de israelenses.

Então é normal que os judeus russos queiram ser russos, culturalmente: 'Sim, Israel é bom, eu gosto, mas eu também gosto de Puchkin'. Diante dos fatos, a gente nem ri, nem chora, apenas tenta compreender, depois até podemos discordar, mas primeiro vamos entender os elementos de realidade. Então, o primeiro elemento de realidade é que o Estado de Israel existe, e para os israelenses também existe, e deixou de ser para eles o grande sentido da vida: eles querem *parnússe*, querem comprar coisas, consumir, etc. Procurar o sentido da vida, como qualquer outra pessoa normal.

Vou contar uma coisa que pode ser chocante para vocês, pois foi para mim. São dados reais. Eu estava falando por telefone com um amigo que mora em Israel, que foi para lá em 67, e perguntei como estava o filho dele no exército. Ele me respondeu que era um problema, pois o rapaz chamava o exército de 'Gestapo'. Alguém de nós, quando escuta isso, treme. Então eu indaguei: 'Por quê? Seu filho é pacifista? É pró-palestino?'. E ele me respondeu: 'Que nada, nem quer saber de política, nem quer saber de Palestina, diz que não é problema dele e nem tem nada a ver com a política'. De repente entendi que surgiu uma nova geração de israelenses, que antes davam um sentido glorioso ao exército, e hoje não dão mais.

Não é à toa que os oficiais do Estado de Israel, majoritariamente, nos anos 50 e 60, eram *kibútznikim*,[7] e *moshávnikim*,[8] como o Rabin, e hoje são cada vez mais *kipá srugá*,[9] religiosos ortodoxos, ou seja, são eles que, hoje, têm um *push*, têm uma crença, encontram um sentido em estar no exército.[10]

Não tem mais nada a ver com o que acontecia quando, em Israel até o início dos anos 70, nascia um filho homem na família, e todos diziam: nasceu um *h̲ayál*, nasceu um soldado. Era um orgulho dizer que tinha nascido um soldado. Se hoje, no dia em que nasce um bebê alguém disser isso, batem nele: 'Ora bolas, pára de trazer más notícias. Tudo bem, vai ter que servir o exército, mas ninguém mais quer pensar nisso!' Graças a Deus virou uma sociedade normal, no bom sentido da palavra: burguesa, consumista, como todos nós. A não ser para aqueles que viraram tudo ao contrário, os ortodoxos, que se apropriaram da idéia sionista, e que são os novos idealistas.

Qual o problema que temos hoje? É que o Judaísmo se transformou profundamente. Israel se transformou. E ninguém, por diferentes razões, pelo menos nas comunidades judaicas, tem interesse e capacidade para reconhecer esse fato. Em parte, como eu disse no início, temos a questão palestina, o conflito que produz uma profunda tensão em todos nós sobre o destino de Israel. A necessidade de pensar no futuro de Israel, a defesa de Israel, é uma coisa que se coloca para todos nós, independentemente de posições políticas. Essa tensão ainda existe, mas, naturalmente, esperamos que termine logo. Aliás, a maioria dos aqui presentes, eu gostaria de imaginar, apesar das divergências políticas, desejam a paz, se ninguém for hipócrita.

A questão é pensar num mundo em que a tensão que permitia manter o povo judeu com um sentimento de alerta, de unidade, desapareça. A tensão e o sentimento de sermos vítimas foram utilizados durante décadas pela liderança judaica, para formar as crianças judias. Esgrimiam o fantasma da perseguição, mas hoje, por exemplo, os meninos judeus brasileiros não têm mais essa experiência.

Se os fantasmas do Holocausto tendem a desaparecer, a ficarem cada vez mais pálidos, mais fracos, porque o tempo passa, porque as gerações passam, e se a tensão gerada pelo conflito árabe-israelense também, esperamos tenderá a desaparecer, temos que estar de frente para uma

---

[7] Os que vivem em kibutz. N.E.
[8] Os que vivem em *mosháv*, um tipo de aldeia cooperativa, não socialista. N.E.
[9] *"Kipáh'* – solidéu, *'Srugáh'* – usada pelos judeus do movimento sionista religioso. N.E.
[10] Ver, sobre isto, a palestra "O Movimento Kibutziano", de Paulo Geiger. N.E.

realidade de mudança profunda na estrutura do Judaísmo, que exige repensar o que seja judaico, a experiência judaica, a educação judaica, como manter as relações com Israel, e de Israel consigo mesmo. O desafio é transformar o *Galút*, o Exílio, em Diáspora, dispersão voluntária, transformar o destino em escolha, e o estigma numa identidade étnica afirmativa.

Eu não sou rabino, mas poderia ter sido: meu pai queria que eu fosse. Mas não o sendo, pois me formei como sociólogo, eu não vendo fórmulas ou respostas, por deformação profissional vivo a vida como sendo o esforço de compreender o mundo alem do véu das ilusões, e ai sim, definir os desafios, cujas respostas deveriam ser dadas por lideranças comunitárias, rabinos, ideólogos seculares, que existem ou deveriam existir na comunidade, para construir um judaísmo pluralista adequado ao nosso tempo.

Muito obrigado.

Adendo do Coordenador:

Sua apresentação, histórica, sociológica e nostálgica para mim foi muito importante. Vivi muito destas coisas, e você me tocou, além da cabeça, o coração. Não posso deixar de citar algo mais e colaborar com a sua apresentação, principalmente quanto a essa ideologia do *Galút*, a força das identidades, das lutas, que você citou em vários sentidos, e que eu, garoto, presenciei:

Meu pai tinha uma lojinha ali na Praça da República, e às três horas da tarde, todo dia, vinham os *clienteltchikes* (os vendedores ambulantes judeus, mascates) e se reuniam para conversar. Na verdade, discutiam. Era uma gritaria na rua, as pessoas passavam e pensavam que era um bando de loucos. E eu via tudo, um garoto de 12 ou 13 anos. A turma parava na loja, um berrava, o outro gritava e eu também pensava: 'São todos loucos!' Lembro que ficava assombrado com a carga emotiva das pessoas, tinha bundistas lá, tinha trotskistas, e discutiam tudo, Deus e o mundo. Uma vez um homem ficou discutindo meia hora sobre o preço do café no mercado internacional, com um vigor tamanho, que eu perguntei ao meu pai: 'Ele tem fazenda de café?' - porque ele dava até a vida pelas suas idéias. 'Não, o cara é um pé-rapado, não tem onde cair duro!', respondeu-me. Discutindo o preço internacional do café, um negócio com sentido, com uma intensidade de idéias, com uma força, e pelo que você diz, é essa a característica da diáspora. Isso me faz lembrar de uma história do velho Shólem Alêichem sobre o personagem

Menáhem Mendel, nas famosas cartas dele para a esposa, Sheine Scheindl. Sheine Scheindl estava morrendo de fome, na aldeia, com uma criança, e mandava cartas para o Menáhem Mendel, e dizia: ‘Manda dinheiro para o leite da criança’, e ele respondia: ‘Não posso, mas a bolsa de Nova York...’. O sujeito não tinha um tostão furado, não tinha onde cair morto, e essa correspondência era algo do imaginário, de totalmente irreal, mas ao mesmo tempo, de uma identidade profundamente ideologizada, desse vigor que você citou aqui.

Mas agora, fazendo outro gancho com a realidade, você me colocou uma série de minhocas na cabeça, o que, aliás, é o seu papel, levando-me a uma série de divagações profundamente interessantes para serem debatidas e discutidas no futuro. Uma delas é o que representou, de fato, a perda das ideologias no mundo moderno, o sentido que isso deixou de vazio, de vácuo, criando um espaço mental de completo vazio, existencial e de identidade. Então, a busca da identidade vai ter que se basear em outros fatores, em outras coisas, porque as antigas ideologias foram todas liquidadas. Você lembrou bem, ao falar de Israel, do papel do Kibutz, o vigor que ele teve no auge do movimento kibutziano, no exército e tudo o mais, e que caiu por terra completamente com a quase falência do Kibutz como um todo, não sendo substituído por ideologia nenhuma. Eu anotei alguns temas, para que nos debates do próximo ano sejam discutidas algumas destas questões.